11 outubro 2025 - 6 dezembro 2025

FOLHAS FANTASMA

Gonçalo Sena

KUBIKGALLERY

We come into the gallery space and there it is.
The unfolding of a score sequenced by forms across materials.
Sculpting becomes a rhythm of materiality there. *
A form in folding, a fold in form.
Within the folds an hybrid image breathes there, open.
Between forms, correspondence is held.
And in that resonance, attention leans toward what lingers
between gestures, between breaths.
Mural paintings made of concrete, river sand, and soil marking a threshold there.
The colours emerge from within the substances themselves: ochres, greys, mineral tones carrying the memory of their formation.
This layering and this flowing transcribe how landscapes record duration.

We come into the earth and there it is.
The Douro Basin containing fossilised floras,
traces of past waters and future returns there.
Floods shape the memory of dry ground, landmass grows as if remembering water. * *
Material desire accumulates there in mineral form.
Pine needles become caught in amber's slow embrace,
mirroring the slow dance of decay and fossilization.
The ghosts flicker in the folds of schist.
Alongside acetate stripes holding light and shadow there,
the forest's slow pulse meets human traces there.
Together, they compose an alphabet, a language of fragile signs
that brings a torsion in the ecology of language. * * *
An animistic call and response where matter speaks there.
Each drawing marks a punctuation in space.
The body follows these marks, bends around them,
returns to them with new understanding.
The images speak through repetition—curves, lines, rectangles—simple geometries expanding perception.

We come into the water and there it is.
The brown of the dust leading to the grey of concrete is there.
The blue of the ocean leading to the brown of the river is there.
Cuttlefish and razor clams are moving between the brown, and the blue, and the grey.
Concrete, river sand, soil, cuttlefish bone, razor clam shell share a mineral origin in calcium carbonate.
This connection, and the brown, and the blue, and the grey unites biological and industrial realms within a shared lineage.
Each one carries energy, drawn from cycles of growth, erosion, and return.
And from these cycles, gaps emerge. The forms drift toward a ghost lineage. * * * *
Absent from the fossil bed, held as a suggestion, as residue.

We come into the world and there it is.
Synthetic materials such as photocopy toner, acetate, adhesive tape, polyurethane and acrylic paint introduce a complementary layer.
The human-made substances resist decay and persist on timescales that challenge conventional cycles there.
While shells calcify over years and leaves fall seasonally, plastics endure for centuries, embodying different rhythms of matter. * * * * *
The postnatural condition—where biological, geological, and industrial forces intertwine embraces a material continuum.

Through trans-corporeal entanglements, * * * * * *
the more-than-human world speaks there.
Matter invites us into relation—into rhythm, into touch.
A kind of attunement arises, a ghost stays just long enough to be felt there.
The works belong to this speculative stratum.
They do not declare permanence,
propose a different kind of score—one made in flicker and fold,
in breath and sediment,
in matter becoming trace.

* Materiality vs material: feminist theorist and physicist Karen Barad uses "materiality" to describe the process of becoming and entanglement of matter, rather than thinking of materials as fixed properties.

* * Water has the ability to configure its molecular geometry based on the elements it contains and everything that comes into contact with it.

* * * In "The Spell of the Sensuous" (1996), cultural ecologist David Abram explores how human language emerges from and remains rooted in the sensuous, embodied experience of the more-than-human-world.

* * * * In paleontology and evolutionary biology, a ghost lineage describes an inferred existence of life forms that leave no direct fossil record but whose presence is deduced from related species.

* * * * * Marine organisms create calcium carbonate structures for protection or buoyancy, such as in the case of the Solen marginatus which lives buried in sand in low intertidal and subtidal areas. Their shells are made of calcium carbonate crystals and proteins, and grow in layers, not continuously. Over time, these structures settle into seabeds, transform into limestone, and become cement.

* * * * * * Environmental philosopher Stacy Alaimo introduces in "Bodily Natures" (2010) the notion of trans-corporeality as a framework that emphasises the inseparability of human bodies and the material environment. For Alaimo, the body is not a sealed-off, autonomous entity but is always already porous, entangled with other forms of matter such as pollutants, microbes, weather systems, technological residues and so on.

— Cristina Ramos

Gonçalo Sena lives in Lisbon and works in the fields of sculpture, drawing, installation and publishing. Using drawing as a starting point, Sena's practice develops through material and spatial processes, resulting in sculptures, drawings, temporary structures, printed matter, site-specific interventions and displaced environments. The vocabulary of each work and installation derives from an ecosystem of non-functional relations between everyday objects, industrial materials and organic elements – all apparently immutable, yet, all in constant transformation.

Sena shows regularly since 2007 in institutions, galleries and artist-run-spaces, such as: Estufa Fria de Lisboa, MAC/CCB, MAAT, SNBA, Cordoaria Nacional, Galeria Zé dos Bois, in Lisbon; Casa da Cerca, in Almada; Galeria Municipal do Porto, A Certain Lack of Coherence, in Porto; CA2M, CentroCentro, Sala de Arte Joven, Fundació Santander, Galería Ehrhardt Flórez, in Madrid; Can Felipa Art Visuals, in Barcelona; 12ª Bienal de Arte de Lanzarote; +DEDE, District, Kunstraum Botschaft Camões, IG Metal, in Berlin; Oldenburger Kunstverein; Hot Wheels, Athens; Alta Art Space, Malmö; Fondazione Antonio Ratti, Como; Palais de Tokyo, Paris; among others. In parallel to his artistic practice, Sena is also co-editor and designer of the editorial collective ATLAS, and recently founded the publisher FUMO.

Sena is graduated by FBAUL and received his MFA degree at the Dutch Art Institute, with a studies grant by Calouste Gulbenkian Foundation. He participated in the artist residencies Le Pavillon – Palais de Tokyo, Fondazione Antonio Ratti, Skowhegan School of Painting and Sculpture, CCA Andraxt, Blank100 and Guardiões do Mira. In 2021, Sena received the Premio Apertura Comunidad de Madrid, was selected for Berlin Art Prize in 2015 and for Prémio Novos Artistas EDP in 2009.

Entramos no espaço da galeria e ali está.
O desdobramento de uma partitura sequenciada por formas através dos materiais.
Esculpir torna-se um ritmo de materialidade aqui. *
Uma forma em dobra, uma dobra em forma.
Dentro das dobras, uma imagem híbrida respira ali, aberta.
Entre formas, mantém-se a correspondência.
E nessa ressonância, a atenção inclina-se para o que permanece
entre gestos, entre respirações.
Pinturas murais feitas de cimento, areia de rio e solo, marcam aqui um limiar.
Cores emergem das próprias substâncias: ocres, cinzas, tons minerais que carregam a memória da sua formação.
Esta camada e este fluir transcrevem como paisagens registam duração.

Entramos na terra e ali está.
A Bacia do Douro que contém floras fossilizadas,
vestígios de águas passadas e de futuros que ali retornam.
As cheias moldam a memória do solo seco, massas de terra crescem como se lembrassem a água. * *
O desejo material acumula-se ali em forma mineral.
Folhas de pinheiro ficam presas no lento abraço do âmbar,
espelhando a dança lenta da decomposição e da fossilização.
Os fantasmas cintilam nas dobras do xisto.
Ao lado de fitas de acetato que capturam luz e sombra aqui,
o pulso lento da floresta encontra os traços humanos ali.
Juntos, compõem um alfabeto, uma linguagem de sinais frágeis
que provoca uma torção na ecologia da linguagem. * * *
Um chamamento animista e uma resposta onde a matéria fala, ali.
Cada desenho marca uma pontuação no espaço.
O corpo segue essas marcas, curva-se ao redor delas,
retorna a elas com novo entendimento.
As imagens falam pela repetição — curvas, linhas, retângulos — geometrias simples expandindo a percepção.

Entramos na água e ali está.
O castanho da poeira conduzindo ao cinza do cimento está ali.
O azul do oceano conduzindo ao castanho do rio está ali.
Chocos e navalhas movem-se entre o castanho, o azul e o cinza.
Cimento, areia de rio, solo, osso de choco, concha de navalha, compartilham uma origem mineral no carbonato de cálcio.
Esta conexão, e o castanho, e o azul, e o cinza, unem os reinos biológico e industrial numa linhagem comum.
Cada um carrega energia, extraída dos ciclos de crescimento, erosão e retorno.
E desses ciclos, surgem aberturas. As formas derivam em direção a uma linhagem fantasma. * * * *
Ausente do leito fóssil, mantida como sugestão, como resíduo.

Entramos no mundo e ali está.
Materiais sintéticos como toner de fotocópia, acetato, fita adesiva, poliuretano e tinta acrílica introduzem uma camada complementar.
As substâncias humanas resistem à decomposição e persistem em escalas de tempo que desafiam os ciclos convencionais ali.
Enquanto conchas se calcificam ao longo de anos e folhas caem sazonalmente, plásticos perduram por séculos, incorporando diferentes ritmos de matéria. * * * * *
A condição pós-natural — onde forças biológicas, geológicas e industriais se entrelaçam — abraça um continuum material.

Por meio de emaranhamentos trans-corporais, * * * * * *
o mundo mais-que-humano fala aqui.
A matéria convida-nos à relação — ao ritmo, ao toque.
Surge um tipo de sintonia, um fantasma permanece apenas o tempo suficiente para ali ser sentido.
As obras pertencem a esse estrato especulativo.
Elas não declaram permanência,
propõem outro tipo de partitura — feita de cintilação e dobra,
em respiração e sedimento,
na matéria tornando-se rastro.

* Materialidade vs material: A teórica feminista e física Karen Barad utiliza "materialidade" para descrever o processo de vir-a-ser e o enredamento da matéria, em vez de pensar os materiais como propriedades fixas.

* * A água tem a capacidade de configurar sua geometria molecular com base nos elementos que contém e em tudo que entra em contato.

* * * Em "O Feitiço dos Sentidos" (1996), o ecólogo cultural David Abram explora como a linguagem humana emerge e permanece enraizada na experiência sensível e encarnada do mundo mais-que-humano.

* * * * Na paleontologia e biologia evolutiva, uma "linhagem fantasma" descreve a existência inferida de formas de vida que não deixaram registo fóssil direto, mas cuja presença é deduzida a partir de espécies relacionadas.

* * * * * Organismos marinhos criam estruturas de carbonato de cálcio para proteção ou flutuação, como é o caso do Solen marginatus, que vive enterrado na areia em zonas intertidais e subtidais. As suas conchas são feitas de cristais de carbonato de cálcio e proteínas, e crescem em camadas, não continuamente. Com o tempo, essas estruturas depositam-se nos fundos marinhos, transformam-se em calcário e tornam-se cimento.

* * * * * * A filósofa ambiental Stacy Alaimo introduz em "Bodily Natures" (2010) a noção de trans-corporeidade como um arcabouço que enfatiza a inseparabilidade entre corpos humanos e o ambiente material. Para Alaimo, o corpo não é uma entidade autônoma e fechada, mas já está poroso e emaranhado com outras formas de matéria como poluentes, microrganismos, sistemas climáticos, resíduos tecnológicos, e assim por diante.

— Cristina Ramos

Gonçalo Sena vive em Lisboa e trabalha nos campos da escultura, desenho, instalação e meios editoriais. Tendo o desenho como ponto de partida, a sua obra ganha forma através de processos materiais e espaciais, resultando em esculturas, desenhos, estruturas temporárias, materiais impressos, intervenções site-specific e ambientes distópicos. As suas peças e instalações derivam de um sistema não-funcional de relações entre objetos do dia a dia, materiais industriais e elementos orgânicos – todos aparentemente imutáveis, mas todos em constante transformação.

Sena expõe regularmente desde 2007 em instituições, galerias e artist-run-spaces, tais como: Estufa Fria de Lisboa, MAC/CCB MAAT, SNBA, Cordoaria Nacional, Galeria Zé dos Bois, em Lisboa; Casa da Cerca, Almada; Galeria Municipal do Porto, Uma Certa Falta de Coerência, no Porto; CA2M, CentroCentro, Sala de Arte Joven, Fundació Santander, Galería Ehrhardt Flórez, em Madrid; Can Felipa Art Visuals, Barcelona; 12ª Bienal de Arte de Lanzarote; +DEDE, District, Kunstraum Botschaft Camões, IG Metal, em Berlim; Oldenburger Kunstverein; Hot Wheels, Atenas; Alta Art Space, Malmö; Fondazione Antonio Ratti, Como; Palais de Tokyo, Paris; entre outros. Em paralelo à sua prática artística, Sena é editor e designer do colectivo editorial ATLAS, e recentemente fundou a editora FUMO.

Sena é licenciado pela FBAUL e completou o MFA no DAI com uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian. Participou nas residências artísticas Le Pavillon – Palais de Tokyo, Fondazione Antonio Ratti, Skowhegan School of Painting and Sculpture, CCA Andraxt, Blank100 e Guardiões do Mira. Sena recebeu o Premio Apertura Comunidad de Madrid em 2021, foi selecionado para o Berlin Art Prize em 2015 e para o Prémio Novos Artistas EDP 2009.

KUBIK
GALLERY

Portugal
Rua da Restauração, 6
4050-499 Porto

Calçada Dom Gastão, n.4 - Porta 45
1900-194 Lisboa

T +351 226 004 927
info@kubikgallery.com

facebook.com/kubikgallery
instagram.com/kubik_gallery
twitter.com/kubikgallery

kubikgallery.com